

CONGO: A ALTERNATIVA ADOULA

NO Congo uma realidade desde logo se impõe: os rebeldes aglutinados pela C. N. L. (Comissão Nacional de Libertação) dominam quase dois terços do território congolês. Este facto demonstrativo da força do movimento rebelde tem seriamente preocupado belgas e americanos (estes últimos com a amarga experiência do Vietnam). Apesar disto Tschombé continua optimista ao afirmar nas conferências de imprensa que a rebelião está quase extinta e que não aceita quaisquer formas de conversações ou coligação governamental com os chefes rebeldes.

O irrealismo político do primeiro ministro congolês que teima em desconhecer certas forças de tendência expansiva não é muito do agrado de Johnson e Spack que temem novos erros em África. Acresce ainda a impopularidade de Tschombé no continente africano, pois a sua manutenção como governante, quer no Katanga quer no Congo já unificado, tem sido possível graças aos mercenários e às intervenções estrangeiras. Enfim a acção deste curioso político denuncia uma activa ingerência económica do bloco ocidental nos assuntos internos congolezes. E o erro está nesta clara denúncia.

Há que salvar as aparências e adoptar uma política mais realista para com os rebeldes de modo a neutralizá-los (já que a eliminação não se afigura possível), ainda que se tenha que fazer concessões. Urge estabelecer as condições necessárias para a expansão e tranquilidade dos capitais investidos. Daí a atitude equívoca de Spack quando da esperada visita de Tschombé a Bruxelas para negociar a «carteira de acções» que a Bélgica conserva (750 milhões de dólares). Nas vésperas deste chegar à capital belga, Spack teve um encontro com Cyrille Adoula, ex-primeiro ministro do Congo e rival político de Tschombé. Entrevista que será melhor compreendida se aliarmos às preocupações belgas a posição que Adoula toma perante os problemas do Congo.

A verdade é que este num artigo que subscreveu no semanário Jeune Afrique propôs:

- 1.º Negociar com os rebeldes.
- 2.º A substituição das forças estrangeiras por forças africanas.
- 3.º Reunião de um conclave de todas as tendências com vista à formação de um governo de transição até à organização de eleições e ao restabelecimento da administração por intermédio da O. U. A. (Organização de Unidade Africana).
- 4.º Exclusão de Tschombé dos negócios públicos.
- 5.º Esclarecimentos do caso Lumumba.

Ainda numa entrevista concedida ao jornal Le Peuple afirmou: «se a ingerência ocidental persistir no mesmo ritmo nos negócios congolezes e se estas intervenções continuarem a manifestar-se tão estúpida e abertamente começará uma verdadeira guerra civil...».

Uma maior prudência é preconizada, pois em África não é possível um governo apoiado por mercenários (americanos) e que recorre a forças europeias para derimir problemas internos (tomada de Standleyville). Um governo nestes moldes não terá aceitação das populações locais. Sabem-no bem americanos e belgas, enquanto Tschombé parece continuar a desconhecer-lo. Este foi um instrumento que foi usado para além do seu tempo. E como interessa antes de tudo manter os interesses criados, a alternativa é Adoula.

Apenas fica uma interrogação. Se Adoula vier a suceder a Tschombé, até onde irão as negociações com os rebeldes? Apenas a interrogação. E é tudo.



SERVIÇOS DE CENSURA
(STOK)
CORTADO



MEMORIA E IMAGINACAO

EM 1939, em Espanha, até há quem diga que se inaugurou uma nova era. Entre os que isto dizem, conta-se, como é óbvio, o Generalíssimo Franco. Mas mesmo as novas eras se podem transformar em velhas. E questão de tempo. Vinte e cinco anos, no caso em epígrafe. Não somos nós quem o afirma, como é igualmente óbvio. É ainda o mesmo Caudilho, que, pelo menos, justiça lhe seja feita (e bem a merece) sempre soube ser oportuno.

Com efeito, na mensagem de Ano Novo que na noite de 31 de Dezembro dirigiu pela rádio à nação espanhola, o chefe da rebelião de 36 afirmou que, festejadas as bodas de prata da vitória, se tinha chegado ao termo «da paz política e civil, necessária para assegurar as bases de uma sã evolução». A Espanha podia agora — disse também — iniciar uma nova política. E Franco de fazer algumas interessantes locuções sobre o mundo em que vivemos e em que — ao que parece — também pretende viver:

«Um forte vento de renovação sopra através do mundo e desde a Igreja até às mais modestas sociedades domésticas todos se apercebem que um ar novo entrou na vida. Face a esta conjuntura, o nosso povo surge plenamente desperto e advertido, materialmente preparado e espiritualmente revigorado».

Mais adiante: *«Na política geral das nações não basta considerar apenas o que convém ao bem comum interno, que é tão importante, mas é preciso também tomar em conta os movimentos e tendências internacionais. As transformações operadas no mundo são hoje tão profundas e tão importantes que perante elas o isolamento já não é, como outrora, possível: assumem os movimentos um carácter universal que não conhece fronteiras e que, mais cedo ou mais tarde, acaba por ter que ver connosco».*

Muita gente (boa e má) tem razão para se sentir espantada com estas palavras, que parecem apontar uma via que não será certamente (e nisso todos estaremos de acordo) das mais consequentes com a política que celebrizou aquele governante. Duas observações apenas, já que o assunto não é dos mais fáceis nem dos mais gratos.

Apela a primeira para a imaginação do leitor que deve tirar as ilações necessárias do facto dos «ventos de renovação» já serem sentidos aquém-Perinéus e por um sujeito que não parece ser muito atreito às correntes de ar. Apelo a segunda para a memória de cada qual. Em 1945, depois da derrota das potências do Eixo, o Generalíssimo foi dos primeiros políticos neutrais (se não o primeiro) a declarar que o seu coração sempre tinha estado com as forças democráticas. E saudou efusivamente os U. S. A. e a Grã-Bretanha, Harry Truman e Winston Churchill. Também nessa altura houve quem se espantasse, recordado do tempo da guerra civil. E houve quem previsse a rápida queda de Franco. Era — como já disse — em 1945.

Vinte anos se passaram. Veio este discurso. Só lhe pedimos, leitor, ainda um pouco de memória e ainda um pouco de imaginação. Mais nada.

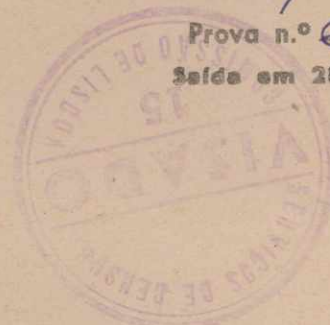
J. B. C.

SERVIÇOS DE CENSURA
(S. C. C.)
CORTADO

em/ 72/2/65

Prova n.º 66

Saída em 28/1/64



SERVIÇOS DE CENSURA
 (SEDE)
 CORTADO

OS QUE NÃO QUEREM SER SALVOS

E repente começam a ouvir-se vozes discordantes e, de certo modo, estranhas.

Liberais, como os senadores Fulbright e Cooper, e ultra-conservadores, como o senador Russell da sulista Georgia, atacam os gastos militares e económicos internacionais, e Russell chama também ao Vietname «um erro terrível». Para outros, Nasser deve deixar de receber trigo, Khan merece ser abandonado à sua sorte e Tshombé é um aliado incómodo. Finalmente, há quem avise o país e o aconselhe a evitar «salvar os que não querem ser salvos».

Tudo isto valeria apenas uma pequena atenção, se o próprio Lyndon Baines Johnson não houvesse limitado a quantia disponível para auxílio ao estrangeiro ao seu número mais baixo desde 1948, o primeiro ano do Plano Marshall, e dado no discurso de posse o maior ênfase aos problemas internos: previdência social, educação, emancipação dos negros, luta contra a pobreza. Na verdade, depois de 1937, nunca um presidente dos Estados Unidos se referira tão pouco a assuntos de política externa e, mesmo assim, para mencionar «as vidas americanas que terminam» e o dinheiro americano espalhado por países que mal conhecemos (...)

Que se passa? Na Europa, De Gaulle lança a ideia da *Europa europeia* e procura tornar-se independente da N.A.T.O., considerada insegura e instrumento da hegemonia dos Estados Unidos. No Egipto, Nasser sacode os compromissos tomados. No Vietname, armas e dólares perdem-se em quantidades únicas, enquanto o Viet Cong se fortalece cada vez mais e os generais do governo do Sul, seguros de que não serão abandonados, se tornam hostis. (Ver, p. e., as questões de Khan com o embaixador Maxwell Taylor). Em Cuba, Fidel de Castro está sólido e os grupos de exilados divididos e impotentes. Na Formosa, Chiang-Kai-Tchek não passa de uma ficção dispendiosa e inútil: o exército dito nacionalista não é suficientemente poderoso para invadir o continente (nem o faria sem provocar uma guerra generalizada) e é exageradamente poderoso para as necessidades da ilha. No Congo, Tshombé revela-se uma solução que não soluciona. Na Coreia do Sul, o descontentamento alastra.

Em resumo, as frustrações internacionais americanas aumentam. A acção mundial dos Estados Unidos, dia a dia denuncia a sua inutilidade e dia a dia se mostra condenada a somente engendrar novos e piores fracassos.

É natural em tais condições, que os Estados Unidos sofram a tentação de voltar para os seus próprios assuntos e procurem diminuir a sua zona de influência ao estritamente indispensável, digamos, a América Latina. Não pretendemos que o farão. Hoje, 8 de Fevereiro, aviões americanos da 7.ª Esquadra atravessaram a fronteira meridional do Vietname do Norte e bombardearam bases navais e cidades, no que pode ser o começo de uma guerra local do género Coreia.

Pretendemos, sim, que o facto de existir uma tendência clara, embora verbal, de retirada e isolamento significa que certas realidades, enfim e felizmente, principiam a entrar no campo da consciência.

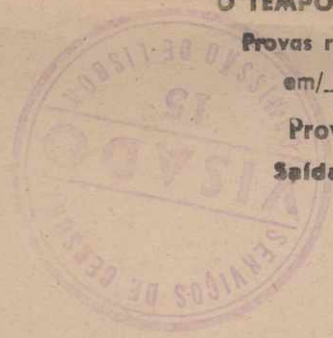
Se um último ou penúltimo estertor provocará ou não um afrontamento final, como gostava Goldwater; se uma desesperada resolução de não mais ceder, de não mais recuar trará ou não o embate irremediável, eis o que resta saber.

Provas remetidas à Censura

em/ 72/2/64

Prova n.º 67

Saida em 28/1/64



SUSPENSO
SERVIÇOS DE CENSURA

LUIS SALGADO DE MATOS

ELA primeira vez, desde Abril de 1964, não pode O TEMPO E O MODO contar com a colaboração de Luís Salgado de Matos. A sua inteligência, lucidez, coragem e entusiasmo deve esta Revista muito do melhor do que nos últimos meses tem sido. Por isso, é justo afirmar-lhe que ele continua ainda a animar com o seu exemplo os que o não acompanharam.

O TEMPO E O MODO

CORTADO
(SEDE)
SERVIÇOS DE CENSURA

Provas remetidas a Censura

em 12/2,05

Prova n.º 74

Saida em 26/1,64



SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO COM
CORTES

~~CONFIDENCIAL~~

direcção do Partido Socialista francês, S.F.I.O., presidida por Guy Mollet, secretário-geral, e o por Gaston Referre, candidato à presidência, expulsou da organização alguns seus militantes de Marselha que, para propósitos de eleições cantonais, se tinham aliado a membros do Partido Comunista local.

Tal gesto reflectir-se-á de certo na estratégia das eleições de 1965, porque, hostilizado pelos que lhe estão mais próximos, o P.C. não deixará de apresentar o seu próprio candidato. Assim, De Gaulle enfrentará uma oposição dividida e em guerra interna que lhe não será difícil esmagar.

Guy Mollet cujo curriculum governamental de direita sobre votos da esquerda, provocara a expulsão da S.F.I.O. da II Internacional Socialista onde até tem assento Harold Welson, prossegue na sua carreira pouco exemplar. A Frente Popular parece mais longe que nunca. ~~De Gaulle declara numa conferência de imprensa. «Estejam desconsolados que hei de morrer» É uma triste consolação.~~

V. P. V.



um organismo permanente que pudesse superintender neste campo, dizendo que quer garantir a soberania dos Estados (ou o seu próprio poder, quem sabe!).

B) A Reunificação Alemã: Este problema insere-se no anterior. Com efeito, a criação de uma Europa europeia teria no centro das suas preocupações a reunificação alemã. Mas em que moldes?!

A Alemanha está dividida, é um facto. As forças que se opõem não chegarão a resultados viáveis a uma e a outra das partes. Pelas armas o resultado será catastrófico. E que via pacífica poderemos esperar?! ~~Uma Europa onde a U.R.S.S. estivesse integrada, talvez desse bons frutos. Mas quantas diferenças de estruturas económicas e sociais será preciso eliminar?! O caminho é longo, muito longo.~~

Erhard não perde de vista as eleições de Setembro, e assim sendo, não poderá esquecer a opinião pública ocidental (sobretudo a alemã) muito sensível (pelo que nos chega!) ao chamado «muro da vergonha»

FORÇA MULTILATERAL:

C) De Gaulle não veria vantagem na Força Multilateral (proposta inglesa) já que os americanos não deixariam de exercer a sua hegemonia. E terá mesmo sublinhado ao chanceler o paradoxo entre a reunificação pacífica alemã e o pedido de armas atómicas. Erhard afirmou que bastava-lhe a certeza de ser defendido. O que já não é pouco. Há quem não se possa defender nem tenha a certeza de ser defendido

D) Cooperação franco-alemã: Ambos reconheceram a necessidade de um estudo sobre a capacidade de resistência da indústria europeia à concorrência americana. E pouco mais se disse. Algo se irá seguir, pela certa.

★

~~Concluiremos retomando a linguagem supcial sublinhada atrás: Pode muito bem ser que este «casamento de conveniência» (é a melhor definição, quanto a nós) seja desfeito, com as consequências inerentes a tal rompimento, pelos socialistas franceses e alemães nas próximas eleições. Eles têm a palavra.~~

J. A. R.

SERVIÇOS DE CENSURA
(SÉDE)
AUTORIZADO
COM
CORTES

Saída em 28/1/65

Prova n.º 108

em 15-2-65

Provas remetidas à Censura

O TEMPO E O MODO N.º 23





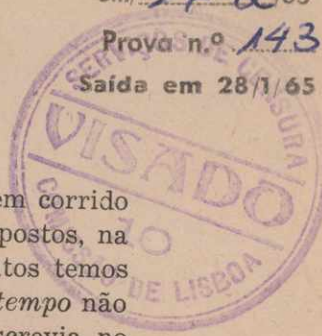
seguinte e que talvez seja a nossa força. Que num «mundo» muito estreito e muito comprimido, as pessoas ouvem-se mal quando falam de — ou para — grupos estanques. Apesar, ou até por causa dessa compressão. Que num «mundo», assim, o tu-cá-tu-lá — ou você-cá-você-lá — pode dar frutos, mas arrisca-se a cavar ainda mais o fosso que alguns têm interesse em manter cavado e fundo. Que vale bem a pena sentar pessoas em torno de uma mesa — O TEMPO E O MODO — e deixar que elas aprendam a ouvir-se umas às outras — que aprendamos a ouvir-nos uns aos outros — mas de perto, da proximidade que dá o estarmos todos empenhados numa obra em comum. Um diálogo desses pode dar origem a mais rumor do que conversa, mas pode — por outro lado — dar origem a que do buliçoso rumor inicial vão saindo vozes que se descubram mais ou menos próximas e que aceitem nessa aproximação ou dispersão a base para um trabalho que é — afinal de contas e também — *uma experiência de democracia.*

Não vivemos em 1932, não vivemos em França. Esquecemos muitas vezes esse facto. Um diálogo como o de Mounier arriscava-se a ser em Portugal, 64, um longo, longo solilóquio. Uma forma de prazer solitário. O diálogo a ser tentado nestas geográficas e nossas coordenadas está — muita coisa o prova — por descobrir. A experiência O TEMPO E O MODO mais não é do que uma nova e aventureira tentativa. Todos deviam ter interesse em que ela não falhasse.

Cabe notar ainda — como escreveu um de nós — que o «diálogo nesta revista se processa dentro de si própria e com o público. Penosa e arriscadamente». Até nessa pena e nesses riscos a nossa experiência — esta magra experiência de um ano — é, por força das circunstâncias, muito diferente da processada ao modo francês.

2 — Revista de crentes e não-crentes. Eis um facto e eis uma lição — lição que vem de Emmanuel Mounier. Mas até nesse particular os tempos — e os modos — são outros e o que em 1932 era novidade nos anos do 2.º Vaticano e de João XXIII arrisca-se a ser quase lugar comum. Certamente que não era habitual entre nós ver uma revista *de um certo tom* inserir crónicas e artigos sobre o Concílio e as Encíclicas, sobre os Papas e os problemas da Igreja. Certamente que não era habitual entre nós ser revistas que davam realce a esses temas publicar também Gorzs, Mamadu Dia, Fanon, Sartre, Burdeau ou Morin para só citarmos os estrangeiros. Mas convém que não se dê tal realce a este pormenor — que pormenor é — que se esqueça que já não vivemos num tempo em que esse sinal de crença era realmente sinal de nítida divisória entre os homens. Entre os colaboradores católicos de O TEMPO E O MODO é possível, sobre questões de ordem não religiosa, encontrar maior aproximação com colaboradores não-católicos do que com outros que com eles comunguem da mesma fé. E vice-versa.

SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE)
AUTORIZADO COM CORTE



Destas notas não se deve inferir que tudo nesta Revista tem corrido às mil maravilhas e que nos revemos, complacentes e bem dispostos, na imagem que cada número pretende constituir. Em muitos pontos temos a sensação de ainda pouco ou nada se ter caminhado e o nosso tempo não encontrou ainda o modo de abordar um diálogo que como escrevia no nosso número 12 Joaquim Namorado «se deve realizar no domínio da necessidade da vida e, conseqüentemente, da cultura portuguesa, dentro das circunstâncias em que vivemos.» Essas e outras críticas continuam a ser pertinentes e válidas, porventura, dolorosamente o sinto, cada vez mais pertinentes e mais válidas. Outras, como as que, dos muitos diferentes sectores com maior ou menor dose de ingenuidade e maior ou menor dose de má-fé, nos são dirigidas sobre os próprios fundamentos do nosso modo de estar e de procurar são-nos menos, ou o não são.

Ao longo deste artigo, sem mandato da Revista, como estudioso de Maunier, tentei dizer algo sobre eles, servindo-me, para tanto,, das diferenças e semelhanças que entre duas tentativas tão separadas no tempo e no espaço é possível encontrar. Escusado será dizer que para alguns dos colaboradores da Revista, Mounier e a publicação que fundou nada de particularmente atraente representam, que alguns — ou muitos — deles nada devem ou têm que ver com o personalismo.

Frise-se ainda que esta restrição e as diferenças que apontei não procuram servir de base a uma qualquer originalidade, que a Revista pretendesse arvorar. São antes fruto da consciência que tenho de se tratar de caminho mais humilde — humildade até certo ponto imposto por via de um condicionalismo, até certo ponto característica do que é e pode ser uma experiência como O TEMPO E O MODO.

JOÃO BENARD DA COSTA

¹ E. Mounier, Relatório Confidencial enviado ao Arcebispo de Paris, in *Emmanuel Mounier*, Ed. Liv. Morais, pág. 332.

² Texto citado, op. cit., pág. 344.

³ Cf. E. Mounier *Refaire la Renaissance in Revolution personaliste et communautaire*, pág. 20.

⁴ ... Para o futuro — diz Mounier — o problema já não consiste em escolher entre a revolução e as meias medidas, mas entre a revolução que salva os valores humanos e a que os estrangula... Uma mudança radical sempre se chamou uma revolução. Se se tem medo da palavra é porque se tem medo da coisa (op. cit., págs. 188-189).

⁵ Os outros sentimentos eram: O sofrimento cada vez vivo de ver o Cristianismo solidarizado com... a desordem estabelecida e a vontade de perfazer uma ruptura, a percepção de... uma crise total da civilização (op. cit. pág. 204).

SERVIÇOS DE GENSUR
 (SÉDE)
 AUTORIZADO
 GOM

